A tribo que conserva o lume

Teresa Moure

ATRAVÉS
editora

ATRAVÉS das letras 39

A tribo que conserva o lume

1ª edição, novembro 2020
© Teresa Moure

© Associaçom Galega da Língua
Santiago de Compostela (Galiza)
atraves@a.gal
www.atraves-editora.om

ISBN: 978-84-16545-49-0
Depósito legal: C 1508-2020

Coordenação: Teresa Crisanta V. Pilhado
Capa e desenhos: Andrea López
Diagramação: Teresa Crisanta V. Pilhado
Revisão: Joana Palha, Mário J. Herrero Valeiro,
Valentim Fagim, Victor Giadás e Miguel Brandão
Imprime: Sacauntos Cooperativa Gráfica

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Este livro está escrito numa variedade galega do português.

Aprender potawátomi, como aprender qualquer outra língua, não tem nada de difícil. Pelo contrário, é uma das tarefas mais simples para quem estiver com disposição para ver o mundo através de olhos potawátomis. Ver com outros olhos; disso se trata. Sempre.

Thomas Dinger

Foi, novamente, uma questão que girou em torno da ideia de deslocar o centro: das línguas europeias para o resto das línguas presentes em África e no mundo; uma mudança para uma pluralidade de línguas como meio legítimo para a imaginação humana

Ngugi wa Thiong'o
Deslocar o centro. A luta pelas liberdades culturais

O ponto zero

No dia 6 de abril de 2012 o cidadão norte-americano Thomas Dinger apareceu morto na sua cama de Ann Arbor, no estado do Michigan. O corpo frio de Thomas, de quarenta e oito anos, foi encontrado pela sua esposa, deitada ao seu lado, que telefonaria aos serviços médicos locais. No lugar dos factos, o doutor Stephen Wright certificou morte natural por paragem cardíaca, uma causa tão habitual de falecimento para homens de hábitos sedentários que o juiz não viu necessidade duma autópsia. A polícia não teve que atuar; não havia caso. No dia seguinte, como era de esperar, os principais jornais do estado difundiam a notícia que, mais ou menos ornamentada, apareceria nos meses seguintes nalgumas publicações académicas: "O professor Dinger falece inesperadamente. O máximo especialista na língua ameríndia potawátomi não sobreviveu muito tempo à última das falantes nativas, desaparecida uns poucos meses antes". Contudo, cinco anos mais tarde e à luz das reiteradas mortes de linguistas, acontecidas em diversos lugares do mundo, o caso do professor Dinger mereceu ser cuidadosamente revisto pelo FBI. O escândalo sacudiria uma disciplina aparentemente inofensiva, a linguística.

Primeira página da causa
"O estado do Michigan contra Dinger",
maio de 2017.

Parte I

Unidades básicas e o seu relacionamento

As esperanças truncadas

— Apenas três centésimas dão cabo dos nossos sonhos!

Assim se lamentou a Marlene, na altura a minha professora de antropologia, quando, as duas em bicos de pés perante o quadro de avisos, comprovávamos que eu fora excluída do plano nacional de bolsas de doutoramento. A culpa é do Puig, assegurou, sem margens para dúvida, como era habitual na sua maneira de se expressar. Com certeza, Marlene odiava o professor por razões que me escapavam, mas a sua ira não conseguiu trespassar-me. Era verdade que aquele homem me atribuíra sempre qualificações medíocres: nem bastante altas quanto necessário para eu figurar entre os melhores, nem tão baixas que justificassem uma queixa formal. Pois não é assim tão mau um 13 em 20! exclamavam naquelas ocasiões os companheiros de turma reprovados, com os olhos colados ao muro onde a mão manicurada do Puig tinha disposto a listagem das qualificações finais. E eu sabia que tinham razão; não, não era assim tão mau. Não pensava ir para o gabinete e suplicar-lhe, por muito que a Marlene teimasse nisso. Mas digamos que eu também não sou o tipo de aluna que apresenta uma queixa; muito menos por ele simplesmente não ter considerado o meu trabalho como brilhante. Replicar-me-ia que não estava bem redigido, que não mencionava bibliografia complementar ou ainda qualquer impressão mais subjetiva; finalmente, a subjetividade decide tudo nas humanidades.

Que o Puig fosse responsável por lecionar três matérias diferentes — Linguística Românica, Dialetologia e História Social das Línguas, se a memória não me engana — fez com que o fra-

As esperanças truncadas

— Apenas três centésimas dão cabo dos nossos sonhos!

Assim se lamentou a Marlene, na altura a minha professora de antropologia, quando, as duas em bicos de pés perante o quadro de avisos, comprovávamos que eu fora excluída do plano nacional de bolsas de doutoramento. A culpa é do Puig, assegurou, sem margens para dúvida, como era habitual na sua maneira de se expressar. Com certeza, Marlene odiava o professor por razões que me escapavam, mas a sua ira não conseguiu trespassar-me. Era verdade que aquele homem me atribuíra sempre qualificações medíocres: nem bastante altas quanto necessário para eu figurar entre os melhores, nem tão baixas que justificassem uma queixa formal. Pois não é assim tão mau um 13 em 20! exclamavam naquelas ocasiões os companheiros de turma reprovados, com os olhos colados ao muro onde a mão manicurada do Puig tinha disposto a listagem das qualificações finais. E eu sabia que tinham razão; não, não era assim tão mau. Não pensava ir para o gabinete e suplicar-lhe, por muito que a Marlene teimasse nisso. Mas digamos que eu também não sou o tipo de aluna que apresenta uma queixa; muito menos por ele simplesmente não ter considerado o meu trabalho como brilhante. Replicar-me-ia que não estava bem redigido, que não mencionava bibliografia complementar ou ainda qualquer impressão mais subjetiva; finalmente, a subjetividade decide tudo nas humanidades.

Que o Puig fosse responsável por lecionar três matérias diferentes — Linguística Românica, Dialetologia e História Social das Línguas, se a memória não me engana — fez com que o fra-

casso se repetisse várias vezes sem eu nunca ter tido a coragem necessária para travar uma batalha legal contra ele. O resultado do meu autocontrolo, que a Marlene julgava pura apatia, era visível: agora, no momento de finalizar os meus estudos, tinha uma qualificação média de 7, 97 que, não sendo péssima, também não bastava. Não ia fazer um drama daquilo, ao estilo da Marlene; eu era mais contida na expressão. Simplesmente, devia reconhecer que a tal qualificação me deixava às portas duma forma de vida diferente, a de investigadora, já que na primeira fase da seleção de candidatos para as bolsas de doutoramento, antes da entrevista pessoal, figurava claramente que o *curriculum* deveria ter alcançado uma pontuação de 8. Não pensava exigir nada ao Puig, mas talvez devesse tê-lo morto. Sem mais.

Contudo, a vida, com os seus ritmos minúsculos, tende a mitigar em mim qualquer pendor para a tragédia: faltavam apenas dez minutos para que começasse o meu turno de trabalho. A vida é prosaica, sim, e um lindo assassinato com a sua dose de justiça poética pode apagar-se da mente por bem pouca coisa. Deixei ainda que a Marlene me sussurrasse umas palavras consoladoras e mesmo me abraçasse, para assim sugerir-me em voz baixa cinco planos diferentes que conseguiriam fazer triunfar uma queixa administrativa. Depois saí a correr. Tinha que chegar a tempo a *La trobada* ou seria pior. Atravessei como um relâmpago os corredores da faculdade, desci duas ruas, alcancei o meu antro de todos os dias e pus o avental com o glamour duma autêntica universitária diplomada em Linguística pela Universidade de Barcelona com a qualificação global de 7,97, que não sendo mísera, também não era impressionante. Não, para o que eu queria fazer.

Até esse momento tinha compatibilizado os estudos com o trabalho habitual de alguém que carece de qualquer habilidade digna de consideração: o de servir mesas num café. Teria preferido ficar na cozinha, e dedicar a minha energia a elaborar receitas simples, preferivelmente vegetarianas, porque naquele momento julgava que comer carne era um atentado contra os direitos dos animais. Embora tivesse feito o meu trabalho final sobre Marvin Harris, não me convencia a ideia de que as proteínas animais tivessem um resultado fulcral no desenvolvimento do cérebro humano. Nem sequer pensava como consistente a hipótese do cérebro estar assim tão evoluído como os antropólogos acreditavam. É certo que o tofu não oferece muitas possibilidades culinárias, mas o meu afã de as procurar na solidão da cozinha estava reforçado pelo alívio que implicaria manter-me longe dos olhares e das insinuações atrevidas do Samuel, o proprietário do café *La trobada*, que me considerava apenas um reclame interessante para atrair a clientela. Tinha sido contratada para uma meia jornada nos papéis; na realidade nunca fazia menos de seis horas diárias, por umas poucas pesetas — naquela altura ainda era a peseta a moeda. Só me alegrava, a cada noite, a visita pontual, entre todos os clientes, do Thomas e do Miquel; com eles, enquanto atendia as mesas, dissertava sobre o divino e o humano.

Conhecera o Thomas naquele último curso, quando me oferecera como auxiliar de conversa nas aulas de espanhol para estrangeiros. Aquela era uma atividade voluntária que nós, estudantes, usávamos para engatar gajos novos, ainda que assegurássemos que o nosso objetivo era aprimorar o conhecimento doutras línguas. Finalmente, em ambos os casos, iria tratar-se de aplicar o

mais elementar sistema de comércio: a troca de experiências. Apenas a Marlene em toda a faculdade julgava que a nossa colaboração era altruísta e que devia considerar-se como uma carta de apresentação dos nossos dotes perante os professores; ela tem passado a vida a procurar as causas de tudo através de hipóteses que conduzam ao sucesso. Até nisso se confundiu comigo, que sou um animal desenhado para o fracasso. No meu caso, compatibilizar tantas ocupações era uma seca, mas não queria ser a única do campus fechada num diminuto círculo social. E, para dizer a verdade, eu não frequentava as aulas; sempre preferi bibliotecas e não macacos a recitar os seus apontamentos amarelos. Aliás, em 1992, essa tarefa de auxiliar no ensino de idiomas era confiada aos estudantes avançados porque ainda não se tinha desenvolvido todo o mercado de especialistas em didáticas linguísticas que chegou depois; nem sei como hoje as estudantes conseguem aumentar os seus círculos.

O Thomas era alemão, de Colónia, embora a sua aparência estivesse pouco de acordo com o protótipo teutão: nem especialmente alto, nem louro, nem possuidor da conhecida disciplina germânica. Gostava de beber cervejas nas mornas noites mediterrâneas, tal como eu gostava de o ver sorrir e da forma como se despedia com aquele "tschüss", que me soava francês porque na altura não sabia uma palavra de alemão. Também não sabia que, por muito que escapasse aos usos académicos, as línguas se tornariam num tema delicado na minha vida, numa constante. Em junho de 1992 eu não sabia nada de constantes, tudo eram variáveis e isso mesmo concedia à vida um aspeto singularmente atrativo.

— Que desejam beber os senhores? — brinquei com esse tratamento formal assim que os vi aparecer.

— Lia! Viemos só para perguntar como estás. Acabamos de encontrar a Marlene Reinosa e ela contou tudo… Maldito Puig!

O Miquel era sempre direto, rápido e seguro de si. Um passo atrás, o Thomas observava escrupulosamente a forma como eu agia. Fazia bem em analisar porque eu nunca conseguia transparecer os meus estados de ânimo como era habitual entre os demais estudantes. Sou galega e na minha tribo, antes de revelar a própria intimidade, importa utilizar harmoniosamente um protocolo. Sair daí é uma atuação de alto risco. Porém, podia perceber a sincera preocupação que movia o Miquel na hora de se expressar livremente. Estava comovido, mesmo se naquela altura nunca pensássemos seriamente no futuro.

— Bom, adorava agora sentar-me nessa mesa convosco e pensar em alcunhas apropriadas para o Puig, mas acho que o Samuel é capaz de se enfurecer.

— Queres que combinemos quando acabares? — sugeriu o Thomas.

— Hoje estou sem forças, Tom, obrigada. Mas na quinta estou livre...

Era possível que eu chegasse duma tribo enrevesada no trato social, mas na casa dos vinte nunca é difícil agendar um copo: é assumido que o corpo tem sede, fome e ainda muitas outras necessidades. Não me lembro dos pormenores; é normal, aquilo tudo foi há muito tempo. A memória é caprichosa e pode arquivar o dado de ter combinado com alguém vinte anos atrás e, no entanto, não se lembrar exatamente do que sentíamos, de quais podiam

ser as expectativas daquele encontro, do que vestíamos, do que foi dito; não lembrar qualquer coisa significativa, a não ser que só o Thomas veio ao encontro. O Miquel, não.

Diário de Lia, 20 de abril de 2012.

A conspiração do Puig

Teria gostado de começar esta história doutra maneira. De qualquer outra maneira. Se, por uma vez, vou abandonar os rígidos moldes da escrita científica — e vou fazê-lo apenas desta vez, isso é claro — gostava de escrever uma história divertida; uma dessas histórias redondas que só existem na ficção. Mas não é possível. Terei que me arranjar a apanhar fragmentos cá e lá, farrapos só parcialmente significativos que ninguém aceitará como a verdade. Evidentemente, não me vou importar com opiniões alheias: tenho de esclarecer o que se passou, tenho de pôr ordem nos pensamentos e no sucedido. Tenho de revisitar cuidadosamente as personagens e as suas causas e apresentar um relatório bem redigido, contundente, que obrigue a reabrir a investigação sobre a morte do Thomas. E talvez também sobre a do potawátomi.

Começando pelo princípio, naquele junho de 1992, embora visse que a Lia era tratada injustamente, não me preocupei demasiado: todos os bons estudantes merecem sofrer alguma injustiça. Dou-

tra maneira tornam-se soberbos e acreditam que neste mundo basta trabalhar duramente para obtermos recompensas, como se fôssemos bestas de carga. Não. O mundo é um lugar absurdo, regido por normas arbitrárias, onde o azar acaba sempre por vencer. Animei-a a reclamar, mas não previ que, na realidade, a Lia estava a ser a vítima indireta duma dessas conspirações universitárias tão habituais à minha volta. Se tivesse refletido um pouco, veria que havia outros estudantes mais apropriados para se candidatarem àquela bolsa de doutoramento. Premiamos sempre os dóceis, é claro; isso quando não aparece antes um Thomas Dinger, rodeado de encanto.

À partida, a Universidade estipulava critérios de seleção que beneficiavam os estudantes de ciências, mas, longe de defendermos o rigor metodológico dos nossos estudos, como professores desenhávamos maneiras de convencer a sociedade de que o nosso saber também podia ser útil no mundo real: a vertente aplicada dos estudos linguísticos começava a fazer furor e chegara para se instalar nos gabinetes. Além do mais, a nossa faculdade devia ser especialmente cuidadosa com os critérios de seleção desde que tínhamos assinado um convénio com os colegas do Michigan. Nesse contexto, nem a Lia nem o Miquel, os meus estudantes preferidos de toda a turma do último ano, serviriam. Porquê? Porque padeciam da ferida das suas línguas em combustão. As línguas estão frequentemente a arder, ainda que pareçam objetos incombustíveis…

Normalmente os professores não brigam entre si por questões do género. Que um aluno não consiga candidatar-se a determinado posto? Lamentamo-nos, talvez, mas consentimos. Temos

um aluno predileto e, pronto, sabemos que essa preferência marca a pessoa correspondente perante os olhos alheios: isso é que estimula a competitividade. Os alunos mostram-se vaidosos por receberem o trato amável e próximo do professor, sem imaginarem que já entraram no labirinto, que hão de arrastar consigo os amores e ódios suscitados pelo seu mentor. E mesmo que eu fosse a mentora da Lia não podia ajudá-la se o Puig andava no meio. Nesse ponto fiquei eu. Que estúpida! Era algo mais complexo do que isso: se ela fosse a escolhida, logo teria percebido que o objetivo era banir uma língua, não a restaurar.

Naquela primavera, a exclusão da Lia deveria ter-me alertado de que qualquer coisa irregular estava a cozer-se no gabinete do Albert Puig, mas demorei muito a aperceber-me. Demasiado. Se calhar, todos tomávamos como certo que o Thomas e a Lia namoravam. Como conhecia bem a mente subatómica do Puig, considerei possível que achasse melhor que o seu pupilo enveredasse na nova experiência sem uma companheira, que o namoro podia tirar-lhe as forças, sei lá, qualquer desses disparates com que ele tende a enlaçar a carreira acadêmica e a vida privada. Não receei mais. O Puig estabelecera um mecanismo singular para decidir por conta própria quem ia e quem não ia com os nossos colaboradores americanos. Sem chamar demasiado a atenção, esse lobo solitário vetava algumas presas sem as reprovar, de maneira a evitar disputas, mas assegurando-se de que era ele, finalmente, quem decidia o futuro dos estudantes. Já fizera isso um par de vezes. Não era assim muito importante que uma aluna, por muito querida que fosse, ficasse fora do sistema de bolsas. Poderia tentar noutro ano ou até continuar os estudos sem essa bolsa, se tivesse

realmente vontade. Sempre poderia escrever uma tese se obtivesse o dinheiro necessário para pagar a matrícula — que não era assim tanto — e dispunha de tempos livres na sua jornada laboral. Mais tarde, já como doutora, poderia percorrer o habitual circuito de congressos para ocupar um lugar entre os peritos dum determinado tema. Era apenas uma questão de vontade e de tempo.

Porém, na versão adoçada com que consolei a Lia não mencionei o essencial: uma estudante pobre teria sérios problemas para lidar em simultâneo com o mundo real e com o mundo figurado da investigação. Não era impossível, mas sim realmente difícil. Mexia na ideia da conspiração como plausível, mas, com certa ingenuidade, limitava-a às injustiças da política universitária; aos seus labirintos. A Universidade está cheia deles, com corredores estreitos que obrigam a mil escolhas para nos desorientarem, enquanto o dragão aguarda do outro lado das sebes. Só agora, quando o final se precipitou, tantos anos depois, vim a pensar que devia estudar o caso com calma. A minha obrigação é ordenar tudo. Para render tributo à verdade, para atirar à luz como se enredaram as circunstâncias e esclarecer o verdadeiro talante dos protagonistas deste caso e a natureza do assunto ao qual se dedicaram. Para termos uma correta memória. Tenho que entender o que se passou. É por isso que acabo de abrir uma pasta no meu computador com o nome de Potawátomi, suficientemente escuro para que, se cai noutras mãos, pareça um conjunto de apontamentos gramaticais sobre uma língua exótica e não uma pesquisa sobre pessoas reais. Recolherei aí relatórios detalhados de todos os participantes na história. Logicamente, também eu tenho de escrever, embora prefira a assepsia do ensaio antropológi-

co e nunca este embrolho contraditório de lembranças. Anotarei conversas, transcreverei cartas e *e-mails*; farei quanto for preciso até esgotar todas as vias. Tenho que comparar versões e chegar à verdade. Tenho de saber. E de fazer com que os demais saibam. Essa é, finalmente, a minha obrigação como investigadora: fazer com que os demais conheçam o mesmo que eu.

Potawátomi, 20 de abril de 2012.

Duas autoras duma mesma história

Foi ontem, ao chegar do Michigan, após a morte do Thomas, que comecei estes apontamentos, uma espécie de diário que não o é completamente porque nem conseguirei tempo para escrever todos os dias, nem pretendo retratar-me bonita como as autoras dos diários habitualmente fazem. Diários são relatos de adolescentes, literatura caduca, cheia de adornos e com perigosas componentes de autoajuda. Pretendo apenas evocar o passado para que o Thomas não desapareça. Só assim poderei obter algum consolo. Sei que a Marlene também está a escrever. Ela mesma me telefonou para mo contar. Evidentemente, não pedia licença; decidira adentrar-se na nossa intimidade sem consentimento, tão segura de si como sempre. Quer redigir um relatório porque acha tudo na morte do Thomas singularmente suspeito. Até chegou a men-